

O céu como espaço vivido: Percepções sobre o espaço celeste no cotidiano de Curitiba, Brasil

The sky as a lived space: Perceptions of the celestial space in everyday life in Curitiba, Brazil

Adriano Duarte Dalmolin
Marcos A. Torres

Resumo

Pesquisar o céu por meio de uma abordagem geográfica cultural pode revelar a relação entre o universo simbólico presente no céu e as práticas cotidianas em diversas culturas. O estudo da percepção do espaço celeste como espaço vivido é possível por meio de uma abordagem fenomenológica, uma vez que possibilita entender as relações que as pessoas estabelecem com o céu, permitindo explorá-lo como parte do cotidiano do indivíduo, que busca nele, compreender sua própria existência. Em centros urbanos essa conexão tem sofrido com o “apagamento celeste” por meio da luminosidade e poluição, enquanto em comunidades tradicionais o apagamento do céu é político, visto que a cultura hegemônica desconsidera seus saberes por gerações. O trabalho objetiva aprofundar sobre a influência do céu nas relações sociais a partir das percepções dos indivíduos sobre o espaço celeste de Curitiba (Brasil). Ao situar o espaço celeste como um espaço geográfico é possível fazer um resgate dessa conexão em um mundo marcado pela pressa. A metodologia utilizada evocou a lugaridade do céu por meio de fotografias tiradas por nove pessoas, buscando o cotidiano, as territorialidades e as feições do céu na paisagem urbana. Ao registrar o céu e refletir suas experiências cotidianas, as pessoas tendem a criar um vínculo com o céu, restaurando conexões perdidas devido à expansão urbana.

Página | 79

Palavras-chave: Céu; Espaço Celeste; Percepção; Cotidiano.

Abstract

Researching the sky through a cultural-geographic approach can reveal the relationship between the symbolic universe present in the sky and everyday practices across different cultures. Studying the perception of celestial space as lived space is possible through a phenomenological approach, as it enables understanding how people relate to the sky, exploring it as part of their daily lives and a way to comprehend their own existence. However, in urban centers, this connection has been weakened by “sky erasure” due to light and pollution, while among traditional populations, the erasure is political, as hegemonic culture disregards their ancestral knowledge. This work aims to deepen the understanding of the sky’s influence on social relations based on individuals’ perceptions of the celestial space over Curitiba (Brazil). By framing the sky as a geographic space, it becomes possible to reclaim this connection in a world marked by haste. The methodology employed in this study sought to evoke the “sense of place” of the sky through photographs taken by nine individuals, focusing on daily life, territorialities, and the features of the sky in the urban landscape. By capturing the sky and reflecting on their daily experiences, people tend to develop a bond with it, restoring lost connections caused by urban expansion.

Keywords: Sky; Celestial Space; Perception; Everyday Life.

Este artigo está redigido em português do Brasil, mantendo-se a grafia original submetida pelos autores.



Aprender (49) junho, 2025, pp. 79-92; e-ISSN: 2184-5255

Este trabalho encontra-se publicado com a Licença Internacional Creative Commons Atribuição 4.0. Direitos de Autor (c) 2025 Adriano Duarte Dalmolin; Marcos A. Torres

1. Introdução

O estudo do céu está ligado à geografia, não apenas nos aspectos da cartografia, que tem nos astros elementos para a orientação espacial, mas no cotidiano como parte do espaço vivido. Para diversas culturas, as práticas cotidianas e as questões espirituais perpassam a relação dos indivíduos e da comunidade com o céu. Isso revela um universo simbólico complexo em que, para cada grupo social, o céu é vivido e percebido de maneiras diferentes, ontologicamente e individualmente, onde cada povo é guiado por suas estratégias de sobrevivência, o que está ligado à sua relação com o território. Para Cassirer:

Quando o homem, pela primeira vez, ergueu os olhos para o céu, não foi para satisfazer a uma curiosidade meramente intelectual. O que realmente buscava no céu era seu próprio reflexo e a ordem do seu universo humano. Sentindo que seu mundo estava ligado, por um sem-número de laços visíveis e invisíveis, à ordem geral do universo, tentou penetrar nessa misteriosa conexão. (Cassirer, 1977, pp. 84-85)

Este trabalho utiliza-se da geografia humanista para a busca de respostas, visto que a base fenomenológica que sustenta a geografia humanista, torna possível o estudo das relações entre o cotidiano e as percepções dos indivíduos sobre o céu em suas experiências e práticas diárias. Desta maneira o trabalho também perpassa a geografia cultural na busca de conceitos que possibilitem o estudo de uma área de pesquisa pouco explorada. Trata-se, portanto, de compreender o céu como um espaço geográfico a partir do termo ‘espaço celeste’.

Para Garcez e Nascimento (2019), os estudos da astronomia e da geografia se encontram no ponto em que ambas abordam a pergunta sobre o nosso local na terra, já que elementos como a abóbada celeste, o horizonte, os pontos cardeais e os astros em geral são, historicamente, tidos como sistemas referenciais para a localização (Garcez & Nascimento, 2019, p. 494). Para esses autores, a capacidade de conhecer onde estamos está ligada à possibilidade de observação do céu e a perda dessa possibilidade resulta na falta da capacidade de conhecimento do espaço que ocupamos. Essa relação prática entre a geografia e o estudo do céu através da astronomia está expressa em como nosso corpo se encontra no espaço.

A grande quantidade de informações físicas sobre o universo que nos é apresentada não inclui o olhar humano e esta visão não basta para explicar uma conexão pessoal com o céu, uma vez que o espaço celeste é negligenciado de diversas maneiras, como, por exemplo, através da obstrução da sua imagem. Garcez e Nascimento (2019, p. 494) trazem alertas de organismos internacionais para respeitar o céu como patrimônio histórico, cultural e científico devido à perda de capacidade de observar o céu escuro, o que pode ser causado por vários fatores, como a quantidade de luz artificial que é jogada na direção zenital. Outras formas de bloquear a capacidade de enxergar o céu estão relacionadas à poluição atmosférica e visual (prédios altos, *outdoors* e outras placas de publicidade).

A cidade de Curitiba, localizada no estado do Paraná (Brasil), traz consigo a problemática do céu noturno apagado, aparentemente sem estrelas, apoiado no mito de que o céu está sempre encoberto¹. Ainda que as questões climáticas dificultem as observações em Curitiba, o que se sobressai é o impedimento físico.

As possibilidades de estudos do céu são amplas e o tratamento do tema pela geografia pode se dar por meio de diversas abordagens, mas ainda é necessário inserir uma lente que nos ajude a entender os fenômenos por trás da relação entre o cosmo e a paisagem e como a sociedade interage com o céu. Em Yi-Fu Tuan (1983) é possível pensarmos no céu como espaço vivido, uma vez que ele inclui em suas reflexões o espaço vertical ao espaço limitado dos territórios impostos no qual vivemos. Conceitualmente, para o autor, o céu pode ser território, lugar e paisagem, dependendo da perspectiva de análise.

O estudo do espaço celeste possibilita entender as dinâmicas socioespaciais humanas e a revisão bibliográfica utilizada mostra o céu como algo presente há muito tempo nas práticas humanas. Autores como Eric Dardel (2011), Ernst Cassirer (1977), Yi-Fu Tuan (1980, 1983 e 2005) e outros possibilitam a compreensão da percepção que a humanidade tem do espaço celeste. Assim, trabalhar com a geografia do céu sob um viés fenomenológico nos permite adentrar uma área da ciência geográfica que tem foco nas representações do espaço. Para Dardel, “O geógrafo que mede e calcula vem atrás: à sua frente, há um homem a quem se descobre a face da Terra” (Dardel, 2011, p. 7).

Os seguintes questionamentos contribuíram para definir a problemática do trabalho: Como nos relacionamos cotidianamente com o céu?; De que maneira o céu está presente no espaço vivido das pessoas?; Por que as pessoas, aos poucos, têm deixado de se relacionar com o céu?; Como o céu, mesmo negligenciado, ainda está presente no cotidiano?

A metodologia empregue envolveu entrevistas e fotografias que buscaram desvelar a relação do cotidiano das pessoas com o espaço celeste e tem como objetivo entender de que maneira o céu rege as relações entre as pessoas e o meio, mesmo considerando os ritmos acelerados do mundo contemporâneo. As respostas para as questões centralizadoras serão encontradas através dos mitos, espacialidades e territorialidades do céu.

2. Um caminho Teórico para a Compreensão do Espaço Celeste

É na vastidão do espaço simbólico celeste que encontramos as dimensões espirituais e práticas do cotidiano, relação que Tuan (1980) descreve como dimensão vertical x dimensão horizontal.

No livro *Topofilia*, Tuan (1980) dedica parte de sua escrita à presença do céu em diferentes cosmovisões. Os bosquímanos, por exemplo, desenvolveram uma rede de interdependência suprimindo o individualismo, uma vez que “as atividades mundanas são interrompidas por atos não ligados às necessidades físicas e fora da cadência normal dos ritmos das relações humanas” (Tuan, 1980, p. 150). As atividades mundanas,

¹ Curitiba é uma cidade localizada na região sul do Brasil e possui clima subtropical com temperaturas amenas. Alguns fatores trazem à cidade características de céu nublado, como a alta precipitação e a proximidade com a Serra do Mar. Além disso, por ser uma metrópole, conta com um índice alto de poluição do ar.

conforme Tuan (1980), estão na dimensão horizontal de vivências, atravessando o meio biossocial. A dimensão vertical rege as questões espirituais e a dinâmica espaço-temporal e nela estão as questões que vão além das exigências diárias.

Em Paisagens do Medo, Tuan (2005, p. 123) cita que, no passado, as “Antíteses de dia e noite, verão e inverno reforçavam a sensação de natureza dualística do universo.” O céu trazia incertezas que muitas vezes indicavam desastres iminentes.

Naquele tempo (idade média) o brilho do céu noturno não era turvado pelas luzes da cidade. Normalmente filósofos e eruditos o contemplavam com prazer e admiração, porque aí jazia a calma das esferas celestiais. Mas, por este motivo, qualquer perturbação no céu – um eclipse do Sol ou da Lua, a aparição de um cometa, ou se a aurora boreal surgisse fora de época – indicava desastre. (Tuan, 2005, p. 123)

Ao abordar o céu como parte das vivências, Tuan foca na relação humana, tratando o céu como espaço vivido, como guardião do recurso ‘tempo’ e como dimensão que toca a cultura, o simbólico e os dramas humanos.

Há muito tempo o céu representa os anseios pela descoberta do desconhecido, um espaço onde as pessoas vivem seus medos e esperanças. Sua capacidade de marcar o tempo nos faz estar diariamente ligados ao seu ciclo de maneira biológica. Ao abordarmos o conceito de espaço celeste, estamos restringindo a tudo que acontece e é relacionado ao céu as suas territorialidades, sua lugaridade e a paisagem dentro do ambiente social. Mas não nos distanciamos do que Dardel (2011) nomeia como “espaço aéreo”.

[...] é atmosfera: elemento sutil e difuso em que se banham todos os aspectos da Terra. Invisível, e sempre presente. Permanente e, no entanto, cambiante. [...] O espaço aéreo vibra e ressoa. Rasgado pelo trovão, gemendo sob a tempestade, ritmado pelos sinos. O vento glacial do inverno se lança sobre a grande planície “onde, nas longas noites, o cata-vento enrouquece” (Baudelaire). Ele é o espaço do frio e significa hostilidade, sofrimento, escassez, isolamento. (Dardel, 2011, p. 23)

Dardel (2011) propõe que o espaço a ser estudado é aquele onde vivemos e que também capturamos através dos sentidos e, para ele, “O espaço aéreo é também uma matéria que nos dá a sensação imediata de sua presença” (2011, p. 26), como por meio dos diferentes odores que marcam as paisagens. Para Dardel, o ser humano ocupa o espaço aéreo tanto pelos aromas e odores de suas produções quanto pela aviação.

Se o espaço aéreo preconizado por Dardel possui a presença humana, destacamos aqui mais um recorte para este espaço, que é o espaço celeste, o céu também como imagem, elemento da paisagem e do espaço vivido das pessoas.

O estudo da interação das pessoas com o céu perpassa os modos de produção que participam dos processos de desconexão da população com o céu, que passou de algo

diário que pauta a vida dos sujeitos para algo inatingível e invisível. O eixo vertical que toca o céu, como descreve Tuan (1980), ainda era importante:

Na China, por exemplo, a modernização introduzida pelo governo comunista, até início da década de sessenta, não havia destruído o cosmo vertical dos aldeões. Nem seu ciclo de festividades. O cosmo dos aldeões somente desmoronará quando eles estiverem completamente conscientes de que os movimentos do Sol e da Lua não governam tanto as suas vidas. (Tuan, 1980, p. 151)

Tuan demonstra como o céu orientava as vivências dos povos antes do processo de industrialização. Atualmente, mesmo que o crescimento desordenado ofusque sua imagem durante o dia com os prédios e durante a noite com a poluição luminosa e atmosférica, o céu ainda se faz presente.

Garcez e Nascimento (2019) argumentam que a poluição noturna tem negado fisicamente o céu como espaço para muitas comunidades e, para além dessa negação física, há também a negação de modelos, o que está relacionado ao modelo heliocêntrico (Garcez, 2019, p. 30), o que torna a negação do céu um instrumento geopolítico, uma vez que existe a submissão a um modelo astronômico cientificista ocidental.

A cultura oral de indígenas do Brasil conta histórias que usam o céu como meio. Para Afonso (2005), costumamos avaliar a cosmologia de outras civilizações com base em nossos próprios saberes, que foram em grande parte formados por um sistema educacional ocidental. Esse conhecimento formal é respaldado por documentos, normas e infraestrutura tecnológicas. Contudo, salienta Afonso (2005), a perspectiva indígena sobre o Universo deve ser compreendida dentro do contexto de seus saberes e valores culturais.

Afonso (2005) conclui que muitos dos povos originários do Brasil possuem extenso conhecimento sobre as constelações, as forças de atração e marés. Para o autor, esses saberes precisam ser valorizados e, se possível, disseminados, uma vez que, ainda hoje, a comunidade científica tem um conhecimento limitado sobre o sistema astronômico indígena brasileiro, o qual corre risco de se perder, devido ao acelerado processo de globalização e às dificuldades em registrar, avaliar, validar, proteger e compartilhar esses saberes (Afonso, 2005).

3. Materiais e métodos: da individualidade do céu às possibilidades metodológicas

A busca da compreensão da relação das pessoas com o céu passa pela compreensão das visões de mundo de cada grupo ou sujeito.

Este trabalho contou com a participação de nove pessoas com idade entre 22 e 31 anos, sendo cinco do gênero masculino e quatro do gênero feminino, dos quais oito eram estudantes de Geografia na Universidade Federal do Paraná e uma era doutora em farmacologia da mesma universidade.

O céu encoberto também foi considerado neste trabalho, uma vez que o estudo tem foco nas subjetividades da percepção e compreensão do céu. Ressaltamos aqui, que muitos eventos astronômicos não podem ser contemplados em Curitiba pela falta de visibilidade, como demonstrado na Figura 1, em que ocorria a conjunção entre Saturno e Júpiter no solstício de verão em 2020.

Figura 1
Evento astronômico com o céu fechado em Curitiba



Fonte: O autor (2020)

As fotografias criam uma relação entre o observador e o céu e entendemos que a pausa do registro fotográfico transforma o céu em um lugar. Para Holzer (2013), a geograficidade, que expressa a materialidade do espaço geográfico, se manifesta em nossas vivências cotidianas e refletem a relação dos seres em movimento com os lugares e caminhos que organizam e delimitam os espaços por meio de pausas e convivências íntimas.

A interpretação da imagem seguiu uma metodologia que serviu para entender o que é visto no céu e o que ele representa para as pessoas. A metodologia empregada considerou-as como representações dos sentimentos e afetividade dos indivíduos que realizaram os registros.

É relevante considerar também que as pessoas agem em função de sentimentos e valores que referendam ações e comportamentos, cujos significados precisam ser desvendados, pois se constituem em mensagens. O grande desafio é a decodificação das mensagens e, conseqüentemente, desvelar os signos explícitos [...], aqui considerados enunciados. (Kozel, 2018, p. 99)

Foi elaborado um roteiro seguido por todos os participantes a partir de uma abordagem direta. O modelo de entrevista foi semi-estruturado em formato de conversa entre o entrevistador e o entrevistado, para captar a espontaneidade de cada um.

As perguntas que serviram como guia para a entrevista foram as seguintes:

1. Nome e idade.
2. O que é o céu para você?
3. Com que frequência você pensa no céu?
4. Como o céu está presente no seu dia a dia?
5. O que a sua fotografia representa para você?
6. O que você sente olhando as fotografias feitas por outras pessoas? Relaciona com a sua vivência de alguma maneira?

Entendendo que a relação com o céu é individual, a dinâmica proposta buscou explorar os diferentes tipos de céu e a entrevista serviu para compreender as percepções do céu pelos entrevistados. As imagens coletadas tornaram-se exemplos de interpretações sobre o céu e de relações humanas estabelecidas com ele. Quando a perspectiva da visão, espaço e tempo mudam, o ato de capturar a cena muda, mesmo quando se dá por uma mesma pessoa.

3.1 Mergulhando no universo simbólico: o espaço celeste em discussão

Foi solicitado a cada participante que tirasse uma foto do céu que tivesse um significado relevante. Foi explicado aos participantes durante a contextualização, que para o trabalho seria necessário qualquer câmera fotográfica, desde que a foto tivesse boa resolução para que os elementos ficassem visíveis. O importante era estar presente no cotidiano ou em um momento de pausa de forma a expressar a lugaridade. A escolha do tipo de céu foi livre, o que compreendia um céu nublado, ensolarado, uma noite estrelada ou mesmo um céu noturno sem estrelas.

Após receber as fotos dos participantes da pesquisa, as imagens coletadas foram mostradas para cada um, incluindo três fotografias registradas pelo autor do trabalho, no intuito de compreender a relação entre as pessoas e cada uma das imagens, e se tais representações do céu também fazem parte do cotidiano de cada participante.

3.2 Procedimentos de análise dos símbolos

Para a compreensão do céu para cada entrevistado, fez-se necessário, primeiramente, compreender que os elementos presentes nas imagens fazem parte do universo simbólico dos participantes, que dividem o mesmo céu diariamente (excetuando o céu de Chicago, na Figura 11).

Para a análise das imagens coletadas, adaptamos a metodologia Kozel (2018), que compreende que os elementos dispostos nas imagens mostram uma conexão com o universo simbólico dos participantes. Na atividade, cada participante buscou registrar algo que representasse suas vivências e elementos do seu cotidiano.

Ainda que a metodologia adotada tenha sido elaborada para a compreensão de desenhos de um determinado lugar, os registros fotográficos do céu se apresentam como representações espaciais, passíveis de serem lidos a partir da metodologia

proposta. Para a decodificação dos signos usaremos a proposta metodológica de Kozel (2018):

1. Interpretação quanto à forma de representação dos elementos da imagem;
2. Interpretação quanto à distribuição dos elementos da imagem;
3. Interpretação quanto à especificação dos ícones:
 - Representação dos elementos da paisagem natural;
 - Representação dos elementos da paisagem construída;
 - Representação dos elementos móveis;
 - Representação dos elementos humanos.

3.3 Apresentação de outros aspectos ou particularidades

É preciso considerar que nas fotografias a distorção nas escalas ou a distribuição dos elementos, por exemplo, se dão pelo enquadramento ou *zoom* utilizado. Essa informação tem relação direta com a percepção da pessoa ao registrar a cena, visto que cada indivíduo tende a enquadrar somente os elementos que se comunicam com ele.

Thomaz (2022) compreende que a fotografia é a construção de um novo real, que é o fotográfico. Para ele, no fotográfico ocorre uma transformação que é a criação de um objeto real durante o processo de registro, o que envolve processos físicos e químicos, mas também estéticos e culturais capazes de dar sentido ao que é fotografado (Thomaz, 2022).

4. Resultados e discussão: as imagens do céu e suas histórias

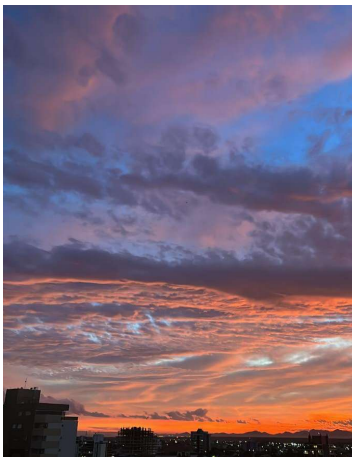
As fotografias produzidas pelos participantes apresentaram diferentes visões do céu. Cada imagem contém uma narrativa, compartilhada por seu autor, o que torna essencial ouvir seus relatos. Isso possibilita combinar a análise do pesquisador com as entrevistas, aspecto que se mostrou fundamental para o desenvolvimento da atividade.

4.1 O céu no espaço-tempo congelado das fotografias

As imagens do céu registradas pelos participantes podem ser brevemente classificadas como céu no meio urbano, céu do meio rural, ou céu que mostra um momento de paz e fuga, independente do recorte espacial, devido ao seu enquadramento.

As fotos a seguir (Figuras 2 a 11) apresentam interpretações pessoais da cena fotografada, evidenciando que o espaço celeste representado está repleto de simbolismos. Cada sujeito valoriza e potencializa os elementos presentes à sua maneira, destacando aquilo que faz parte do seu cotidiano. Os títulos de cada imagem foram atribuídos pelos próprios autores.

Figura 2
O céu não é azul



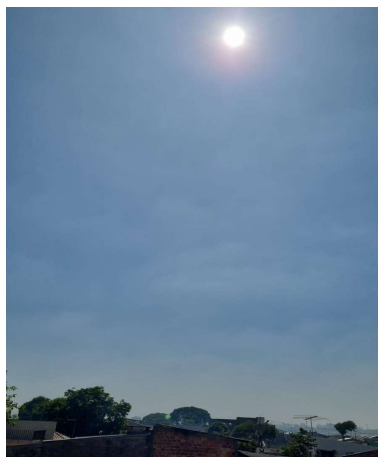
Fonte: Paula (2024)

Figura 3
Sacada casa 37



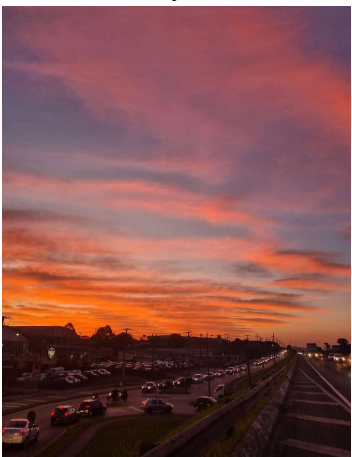
Fonte: Victor (2024)

Figura 4
Manhã



Fonte: Alysson (2024)

Figura 5
Lembrete do rajado



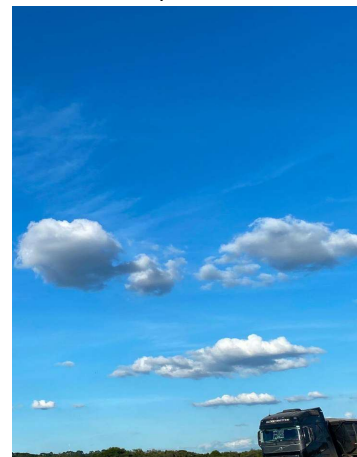
Fonte: André (2024)

Figura 6
Refúgio



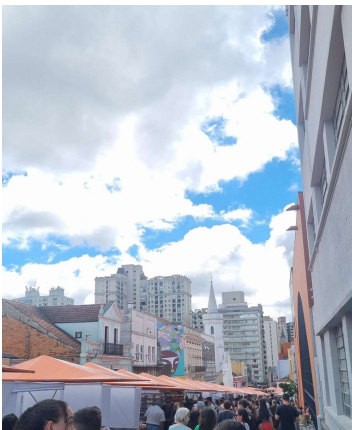
Fonte: Vitória (2024)

Figura 7
Eu moraria aqui



Fonte: Deborah (2024)

Figura 8
Familiaridade



Fonte: Leonardo (2024)

Figura 9
Fim do dia



Fonte: Rajak (2024)

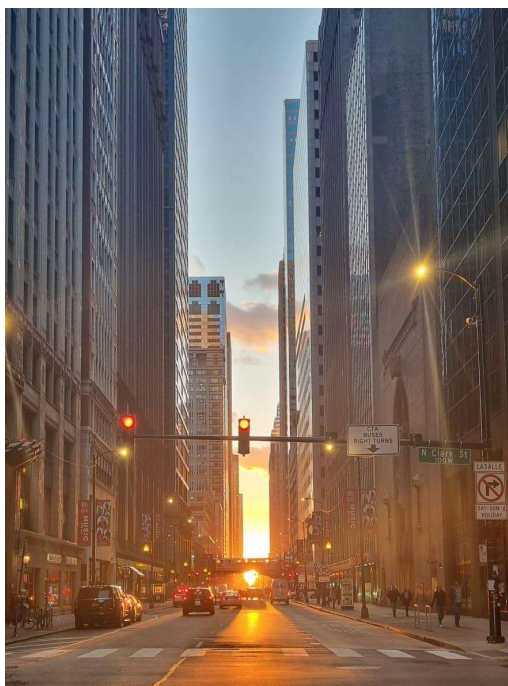
Figura 10
Lua azul



Fonte: Ana (2012)

Todas as imagens presentes neste trabalho compuseram a dinâmica realizada com os participantes da pesquisa, a qual resultou nas entrevistas. As figuras 02 a 10 retratam elementos característicos do cotidiano curitibano, mesmo quando registradas em ambiente rural, ao longo de uma rodovia ou em Guaratuba – PR. A Figura 11, a seguir, também integrou a dinâmica, trazendo elementos de outro país, com o objetivo de levar cada entrevistado a refletir sobre os símbolos nela presentes e suas possíveis relações - ou ausências - no seu cotidiano.

Figura 11
Chicagohenge



Fonte: Ana (2024)

4.2 Discussão do resultado: as narrativas pessoais sobre o espaço celeste representado nas imagens

Após um trabalho enriquecido pelas imagens e entrevistas, constatamos que uma visão pessoal sobre o céu faz parte de uma geografia própria, com centralidade no indivíduo. O corpo é geográfico e a partir dos nossos sentidos entendemos o espaço ao redor.

As Figuras 4, 9 e 10 apresentam a imagem de um céu inatingível, mas com os objetos enquadrados como parte da paisagem, o que foi destacado nas três entrevistas. Para Ana, autora da Figura 10, o ato de registrar o momento possibilitou uma pausa para observar a paisagem e captar coisas interessantes que costumeiramente não percebemos pois, como afirma: [a imagem] “representa uma tentativa de registrar uma visão tão bonita, e como a foto mostra detalhes não vistos a olho nu, eu criei um carinho por ela.”

As Figuras 2 e 5 apresentam semelhanças que vão além da convivência pessoal entre os autores. Ambas compartilham as mesmas cores e intencionalidade. A beleza do

céu está na variação de tonalidades, e os autores destacaram que essas imagens funcionam como um lembrete para “desacelerar”. Paula (Figura 2) enfatizou, em sua entrevista, que “o céu não é azul”, enquanto André (Figura 5) reconheceu a semelhança entre as fotografias. Para ambos, o céu oferece algo que vai além da funcionalidade: ele traz beleza. André destacou: “sinto como se o céu me fizesse um convite à contemplação, a olhar sem utilidade e perceber algo belo, reconfortante, ou mesmo avassalador e imenso.”

As Figuras 3, 6, 7 e 8 trazem um elemento em comum e que é citado em todas as entrevistas: o tempo atmosférico. As nuvens são elementos do céu que foram frequentemente mencionados e estão presentes em quase todas as imagens. A opção pelo protagonismo das nuvens na maioria das fotos traz uma visão física do céu, onde o ele é ocupado pela geografia.

Deborah, (Figura 7) acredita que sua percepção do céu mudou após ingressar na faculdade de Geografia, pois passou a prestar atenção a outros elementos celestes. Ela comentou, ainda, como as questões emocionais estão relacionadas às condições climáticas. Segundo Deborah, ela observa o céu para saber “se será um dia mais animado caso esteja ensolarado, ou se será mais melancólico caso seja nublado.” Ela ainda associa as nuvens a uma sensação de conforto ao afirmar: “às vezes me pergunto se caso as nuvens tivessem formatos geométricos tais quais retângulos e triângulos, elas não seriam tão boas de observar. [...] acredito que a minha vontade de viver em uma das nuvens é por conta desse conforto.” Ao observar as fotos dos demais participantes, André mencionou que se identifica com as Figuras 6 e, principalmente, com a 3, por retratarem seu tipo de céu preferido, o “cinzento”, que, segundo ele, é o que lhe traz maior sensação de conforto.

Vitória (Figura 6) associa o céu aos seus momentos de descanso, e a fotografia retrata sua visão ao deitar na grama para relaxar. O enquadramento remove todas as questões mundanas e permite que o céu, elemento da dimensão vertical (como citado por Tuan), atravesse simbolicamente suas obrigações. Para ela, o céu representa uma espécie de refúgio, pois, conforme afirmou: “Mesmo o contemplando, não penso exatamente sobre ele, mas em outras coisas enquanto o observo.”

Assim como na Figura 6, o céu retratado na Figura 10 carrega uma intencionalidade simbólica. A escolha de enquadrar a lua fora do centro da imagem adiciona uma camada de sentido relacionada à ciclicidade. O isolamento da lua, para a autora do registro, faz “Pensar na solidão humana e na imensidão do Universo, em como nós como espécie evoluímos e aprendemos com eventos astronômicos, em como a gente sai por aí procurando beleza no céu e observando detalhes.”

A ciclicidade é um elemento constante. Rajak (Figura 9), reconhece que o céu está “presente no cotidiano sempre, mesmo que às vezes não percebamos” e, assim, relaciona as imagens às suas experiências. Alysso (figura 4) menciona que sua foto é o registro do que vê ao acordar e, a partir dessa mirada cotidiana, ele consegue ter uma ideia de como será o tempo. Para ele o céu está além da paisagem, pois, como afirma: “é a partir da observação dele que eu planejo meu dia de trabalho.”

Ao realizar o registro do céu, cada participante buscou remover parte dos elementos urbanos. No entanto, nas Figuras 8 e 11, observa-se uma integração explícita entre o céu e a cidade. Para Leonardo (Figura 8), a fotografia representa “Uma tradição coletiva, um lugar com manifestações sociais diversas que se relacionam, também, com

a aparência do céu.” Já Ana, autora da Figura 11, menciona que no lugar onde mora, o céu está integrado à cidade, pois as ruas estão dispostas em harmonia geométrica com os movimentos do sol, como o *Stonehenge*, porém inserido no meio urbano.

Embora muitos participantes tenham buscado remover os bloqueios urbanos do céu, adicionando outras camadas, como as árvores, o céu cinza curitibano permanece representado nas imagens. Victor (Figura 3) comenta que, independente da cor, gosta de olhar para o céu, “mas geralmente está nublado ou com poucas estrelas por causa da luz da cidade.”

As imagens apresentam representações dos elementos conforme o olhar de cada participante que registrou o céu, mas ainda notamos a presença de elementos naturais, humanos, construídos e móveis – categorias abordadas na segunda parte da metodologia Kozel. Nas Figuras 1, 4, 5, 7 e 8, é possível ver elementos urbanos, embora apenas na Figura 8 o foco esteja na interação entre o céu e o espaço construído.

Nas Figuras 3, 6, e 9, predominam os elementos naturais. Nas Figuras 3 e 6 essa predominância ocorre por escolha dos autores, que optaram por focar exclusivamente no céu, deixando aparecer apenas as copas das árvores, mas ocultando, por exemplo, a paisagem urbana. A Figura 9, por sua vez, está situada em uma estrada fora do centro urbano e nela o autor também optou por ocultar a estrada, direcionando o olhar para a interação entre o céu e a paisagem natural ao redor.

Os elementos móveis estão presentes nas Figuras 5, 7 e 9. Na Figura 5, há a presença do movimento cotidiano do fim do dia, que confere à imagem múltiplos sentidos. Já na Figura 7 há a presença de um caminhão parado, o que indica estar em uma rodovia, fato confirmado na entrevista com a autora da foto. A Figura 9, assim como a 7, está associada à saída da cidade; nela, o elemento móvel está presente de forma indireta, uma vez que o autor optou por um enquadramento que omitisse a rodovia.

A pausa para a fotografia revelou uma forma de interação que desacelera o tempo, permitindo que o céu volte a existir para as pessoas em um espaço emocional. A rotina do trabalho nos faz esquecer do céu e, em determinados momentos, ele muda as cores como se enviasse uma mensagem para ser lembrado. Ainda que de maneira etérea, o céu pode ser compreendido como um elemento essencial na discussão sobre lugar e paisagem.

5. A fronteira final: considerações finais e caminhos futuros para a geografia do espaço celeste

A visão que temos do céu, ainda que compartilhada socialmente, é vivida de forma individual. Quando identificamos nele elementos do nosso cotidiano, como imagens desenhadas nas estrelas ou nas nuvens, mostramos que é a partir do nosso corpo, através dos nossos sentidos, que percebemos o mundo ao nosso redor. Para recolocar o ser humano na centralidade da relação com o céu, seja ela imagética ou material, é necessário redirecionar nossos sentidos para o céu. Só assim podemos voltar a reconhecer o que está presente no espaço celeste, algo que temos perdido com a falta de tempo, com a expansão urbana e com as mudanças climáticas.

É importante considerar que, mesmo com todo aparato científico que permite a observação do espaço, o ser humano ainda é o centro de um sistema cósmico, que se

põe no espaço como um corpo que orienta os pontos cardeais. Dessa maneira, o céu não nos é estranho, uma vez que determina o caminho e o destino dos indivíduos. Essas conexões estão presentes na literatura, nas fotografias coletadas e nas entrevistas realizadas ao longo deste trabalho.

Os participantes desta pesquisa revelaram um céu presente, que só é notado em momentos de calma, quando o sujeito descola-se da rotina e pode, então, “desacelerar”. A própria ideia de rotina, originalmente associada à ciclicidade do céu, ganhou novos contornos com a modernidade e com o avanço da técnica. Como sociedade, passamos de um céu que pautava nossa sobrevivência para um céu negligenciado justamente em nome dessa sobrevivência.

O desafio, para esse momento e para o futuro, é aprender a perceber um céu diferente daquele a que estamos habituados - um céu mais próximo de nós, mais participante. Como afirma Tuan (1980), trata-se de um céu que está presente, observando silenciosamente os dramas humanos.

Referências bibliográficas

Afonso, G. B. (2005). As constelações indígenas brasileiras. In *Observatórios Visuais* n. 3390/2005. <http://biblioteca.funai.gov.br/media/pdf/Folheto53/FO-CX-53-3390-2005.PDF>

Cassirer, E. (1977). *Antropologia filosófica: ensaio sobre o homem*. Editora Mestre Jou.

Dardel, É. (2011). *O homem e a terra: Natureza da realidade geográfica*. Perspectiva.

Garcéz, R. G. (2019). *Instrumentos astronômicos históricos (Iah'S), diálogos interculturais com estudantes indígenas e conhecimento geográfico*, [Dissertação de mestrado, Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC]. <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/214445>

Garcéz, R. G., & Nascimento, R. S. (2019). *Do primeiro mapa da terra ao céu como espaço negado*, XIV ENPEG. <https://ocs.ige.unicamp.br/ojs/anais14enpeg/article/view/2904>

Holzer, W. (2013). Sobre territórios e lugaridades. In *Microterritorialidades nas cidades*. *Revista Cidades 10* (17), 18-29. <https://periodicos.uffs.edu.br/index.php/cidades/article/view/12015>

Kozel, S. (2018). *Mapas mentais – Dialogismos e representações*. Appris Editora.

Thomaz, T. S. (2022). Geografia e fotografia: Relação entre paisagem, espaço e imagem. *Espaço & Geografia*, 15(2), 517-549. <https://doi.org/10.26512/2236-56562012e39956>

Thompson, P. (1992). *A voz do passado: História oral*. Paz e Terra.

Tuan, Yi Fu (1980). *Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente*. DIFEL.

Tuan, Yi Fu (1983). *Espaço e lugar: A perspectiva da experiência*. DIFEL.

Tuan, Yi-Fu (2005). *Paisagens do medo*. Editora da UNESP.

Notas sobre os autores:

Adriano Duarte Dalmolin

Universidade Federal do Paraná

<https://orcid.org/0009-0002-9672-6297>

<http://lattes.cnpq.br/6433472728530729>

Formado em Geografia Licenciatura pela UFPR (2023) e atualmente aluno do Bacharelado em Geografia também pela UFPR com passagem pelo curso de Geografia da UFSC. Possui graduação em Ciência da Computação pelo Centro Universitário FACVEST (2009). Aluno de Iniciação Científica no Latecre (Laboratório Território, Cultura e Representação) com participação no Programa de Residência Pedagógica da Geografia UFPR e no Coletivo de Estudos sobre Conflitos pelo Território e pela Terra (ENCONTTRA).

Marcos Alberto Torres

Universidade Federal do Paraná

<https://orcid.org/0000-0002-0410-5892>

<http://lattes.cnpq.br/7347819021185217>

Possui graduação (licenciatura e bacharelado) em Geografia pela Universidade Federal do Paraná. Mestre e Doutor em Geografia pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia da UFPR. Atualmente é professor adjunto do curso de Geografia e do Programa de Pós-Graduação em Geografia da UFPR, e coordena o Laboratório Território, Cultura e Representação (Latecre) do Departamento de Geografia. Exerceu o cargo de Coordenador do curso de graduação em Geografia da UFPR na gestão 2019-2021 e desde maio de 2023 coordena o Programa de Pós-Graduação em Geografia da UFPR. Participa da rede de pesquisadores Núcleo de Estudos em Espaço e Representações (NEER) e integra os grupos de pesquisas: Espacialidades da Cultura (UFPR/CNPq); Geografia Humanista Cultural (UFF/CNPq); e Núcleo de Pesquisa em Religião (UFPR/CNPq). Seus trabalhos relacionam-se às abordagens culturais na Geografia, atuando principalmente nos seguintes temas: paisagem, cultura e arte.